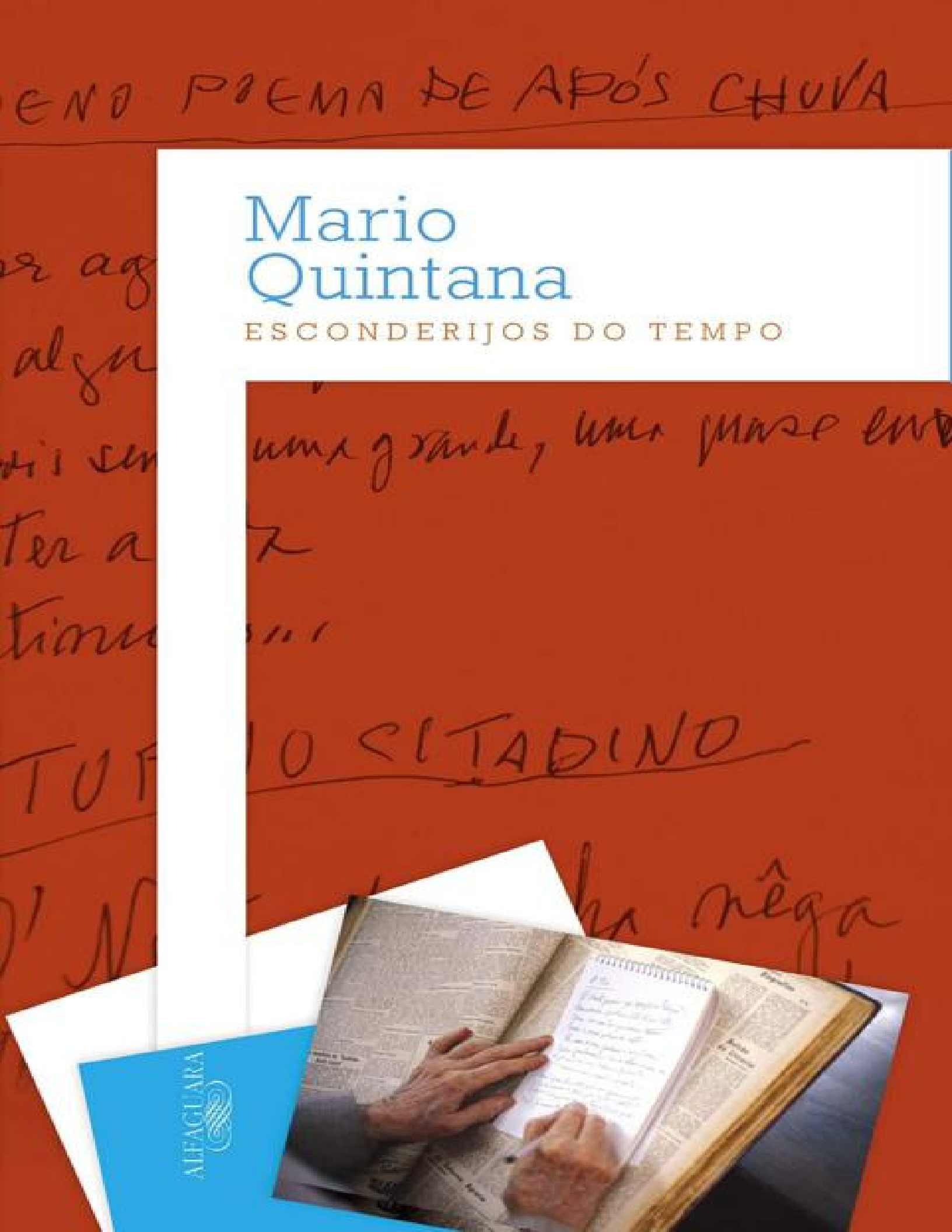
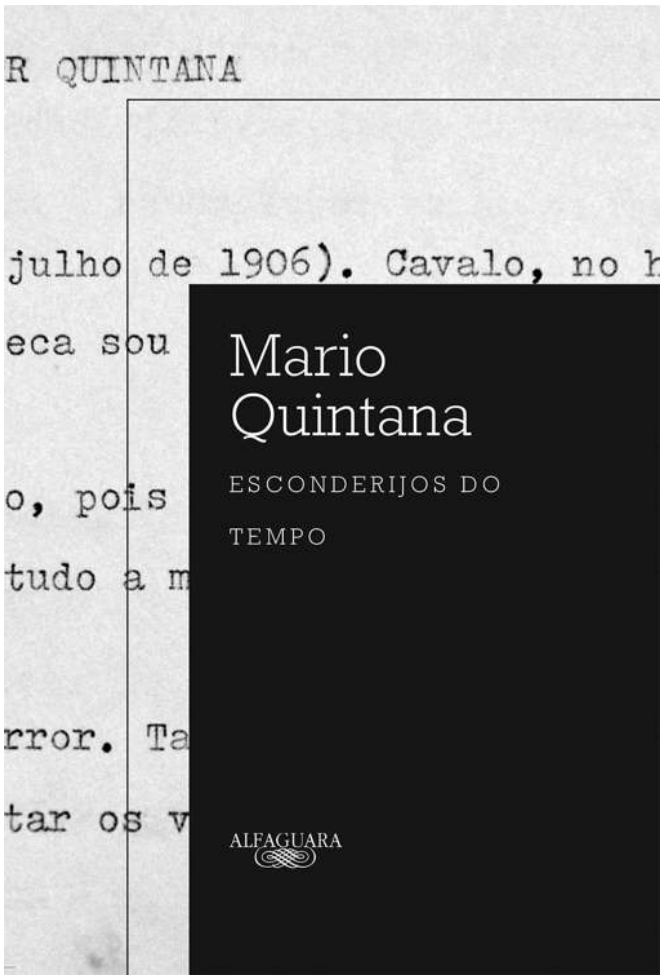
Mario Quintana

ESCONDERIJOS DO TEMPO




R QUINTANA
julho de 1906). Cavalo, no h
eca sou
o, pois
tudo a m
rror. Ta
tar os v
Mario
Quintana
ESCONDERIJOS DO
TEMPO
ALFAGUARA

Copyright © 2013 by Elena Quintana de Oliveira

Todos os direitos desta edição reservados à
editora objetiva ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Coleção Mario Quintana

Organização
Italo Moriconi

Projeto de capa
Mariana Newlands

Imagem de capa
Liane Neves

Manuscritos de capa e miolo
Acervo Mario Quintana/Acervo Instituto Moreira Salles

Revisão
Fatima Fadel
Lilia Zanetti

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Geográfica

PRISA EDIÇÕES

cip-brasil. catalogação na fonte
(sindicato nacional dos editores de livros, rj, brasil)

Q67e

Quintana, Mario

Esconderijos do tempo [recurso eletrônico] / Mario Quintana. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Recuso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
30p. ISBN 978-85-7962-194-9 (recurso eletrônico)

1. Poesia brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

12-8800.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

Sumário

O marciano
Eucanaã Ferraz

Os poemas
O silêncio
A canção do mar
Eu fiz um poema
Elegia número onze
Poema em três movimentos
O límpido cristal
Dança
Noturno citadino
Bilhete
A oferenda
Se o poeta falar num gato
Biografia fantasmal
Viagem antiga
Viagem futura
Intermezzo
Jogos pueris
Vida
Ah, mundo...
Preparativos para a viagem
Surpresas
Retrato do poeta na idade ingrata

Seiscentos e sessenta e seis
A casa grande
O baú
Ray Bradbury
Evolução
Selva selvaggia
A noite grande
Alquimias
O poema interrompido
As cidades pequenas
Noturno
Crônica
Solau à moda antiga
Elegia ecológica
Sonho de uma noite de verão
Os retratos
O morcego
A lua de Babilônia
Poema marciano número dois
Encontro
O poeta é belo
O poeta canta a si mesmo
A canção da vida
Sôbolos rios que vão
Inscrição para uma lareira
Lili
As mãos de meu pai

Apêndices

Sobre Mario Quintana
Cronologia da obra

O marciano

Eucanaã Ferraz

Inicio esta breve mirada crítica com a transcrição do verso de abertura de “Poema em três movimentos”: “Nossos gestos eram simples e transcendentais.”

Muito embora, ali, a imagem diga respeito a uma memória amorosa, penso que todos os poemas de *Esconderijos do tempo* parecem nascidos de gestos como aqueles.

Simples, porque sua força reside na clareza; porque engendram uma certa pureza emotiva, próxima de um estado bruto e, por isso mesmo, sem qualquer afetação ou aparato; pois deles não resulta, igualmente, qualquer ornamentação; porque deixam ver um gosto pelo ordinário, ou, ainda, por uma espécie de pobreza que resguarda o frescor da espontaneidade; porque afiguram-se reconhecíveis, íntimos.

Transcendentais, porque nos espantam; porque deixam ver um inequívoco desejo de ultrapassagem da experiência imediata; porque parecem se lançar para fora e muito além dos limites da própria gestualidade, empurrando a escrita, aquele que escreve e, por conseguinte, seu leitor para uma dimensão sublime, de exaltação, em que o impossível se torna plausível e a poesia se dá como verticalidade absoluta do espírito.

Em *Esconderijos do tempo*, os poemas afirmam tais perspectivas antagônicas não só como forças que se avizinham. E se, antes, sobrevêm complementares, nem a simplicidade nem a transcendência se dissolvem numa síntese confortável, sem atritos. Assim, os resultados serão, muitas vezes, certos encontrões de efeito humorístico e, noutras, acercamentos em que o gozo está na exploração lúdica do insólito. Entre uma coisa e outra, perturbações de alta carga emotiva.

Nada disso, decerto, diz respeito exclusivamente aos poemas deste livro, uma vez que toda a obra de Mario Quintana expõe esse confronto — de um lado, coisas, seres, palavras e episódios corriqueiros, do outro, as outras faces deles mesmos, inusitadas e fabulosas — com uma carga maior ou menor de ambiguidade, ou seja, quando deixa de haver o direito e o avesso, e tudo se torna vago, indeterminado, como vozes que se confundem numa estranha polifonia. O poeta, para ouvir, põe-se em estado de atenção e vigilância absolutas. Ele ouve, por exemplo, “o canto do vento / do vento no mar”, mas reconhece-o como o canto dos afogados: “são eles que tentam / que tentam falar!” (“A canção do mar”); apaixonado, constata: “a tua voz nas minhas veias corre...” (“Poema em três pavimentos”); na profusão de vozes, ele percebe as “palavras felizes de se encontrarem uma com a outra / nas solidões do mundo!” (“O límpido cristal”); como um maestro, pede: “Se tu me amas, ama-me baixinho / não o grites de cima dos telhados” (“Bilhete”); recordação e escuta se confundem: “E a tua voz — cristal puro — / ondulava no ar que nem vidro soprado” (“Biografia fantasmal”); o fim de um amor surge como uma canção perdida: “Em que estrela, amor, o teu riso estará cantando?”; a própria vida, não menos que isso, parece-lhe dança e música: “a vida é uma sarabanda” (“A canção da vida”); enfim, “enquanto a gente fala, fala, fala / o silêncio escuta... / e cala.” (“O silêncio”), o

poeta, como o silêncio, não se perde no vozerio, mas se sabe silenciar, faz-se apto para, igualmente, instalar sua voz nesta fala essencial que é o poema.

É comum encontramos na poesia de Quintana a presença de Deus, dos mortos, de anjos, seres encantados, personagens que dão testemunhos de uma sobrenaturalidade. E se a escuta parece ser fundamental para apreender aquilo que o poema "Vida" nomeia como um "Outro Lado", a visão complementa um certo estado de captação privilegiada e total. Mas, por vezes, o que se vê não é mais que uma coisa deste nosso mundo, natural, terreno, banal, coisa cuja obviedade aguardava apenas um ponto de vista novo para que desse a ver sua "singularidade". É o que se lê nos primeiros versos de "Poema marciano número dois":

Nós, os marcianos,
não sabemos nada de nada,
por isso descobrimos coisas
que
de tão visíveis
vocês poderiam sentar em cima delas...

Os "marcianos" — por serem extraterrestres — surpreendem-se com aquilo que a outros pode parecer apenas óbvio e, por isso, irrelevante. Alguém que, como eles, conservasse uma espécie de ignorância essencial, um olho livre e virgem, poderia ver as coisas sob a luz do espanto e da descoberta, de tal sorte que, num só golpe, conheceria e transformaria a vastidão de seres e coisas que outros chamam, não sem algum desdém, de realidade (daí a aproximação da poesia de Quintana com o universo infantil, mas também o seu inequívoco gosto surrealista). Mas não se trata exatamente de artistas e poetas daquela vanguarda, de crianças ou de hipotéticos habitantes de outros planetas. Assim, a capacidade de ver e transformar a um só tempo pode ser flagrada em Van Gogh, que o poema apresenta como um marciano exemplar:

Não brinco! Não minto! Um dia um de nós (Van Gogh) pintou
[uma cadeira vulgar,
uma dessas cadeiras de palha trançada...
Mas, quando a viram na tela, foi aquela espantação:
"uma cadeira!", exclamaram.
Uma cadeira? Não, a cadeira.
Tudo é singular.

A visão perscruta mundos, realidades sutis, é um ato de conhecimento radical, transformador. O poema "Viagem futura" põe em cena um tempo-espaço no qual seres e coisas que antes não se podiam ver se manifestam com uma espantosa visibilidade. Expor-se à vista é então um acontecimento que irrompe a certa altura de um processo cuja extensão já não se mede com a régua das lógicas convencionais:

Um dia aparecerão minhas tatuagens invisíveis:
marinheiro do além, encontrarei nos portos

caras amigas, estranhas caras, desconhecidos tios mortos
e eles me indagarão se é muito longe ainda o outro mundo...

Tonar visível é fazer viver: “Porque tudo aquilo que jamais é visto / — não existe...” O devaneio, os caprichos da imaginação, o delírio e toda a sorte de desobediências do espírito valem como expedientes de um princípio mais abrangente: dar a ver é o mesmo que dar à vida.

Flagrar o tempo onde ele se furta à vista é um modo de fazê-lo íntimo. Não porque com isso o poeta esperasse domesticá-lo, mas porque sabia ser necessário fazer da poesia um corpo a corpo com o monstro. Neste livro, como em muitos outros de Mario Quintana, o leitor encontrará casas mortas, amores perdidos, escadas para lugar nenhum, ruas desertas, porões abandonados, sótãos, enfim, lugares plenos de memória. Esconderijos que o poeta tomou por empresa visitar e o fez como só um marciano o faria.

Esconderijos do tempo

(1980)

Um velho relógio de parede
numa fotografia
— está parado?

(*Caderno H*)

Para
Nídia e Josué Guimarães, meus amigos e companheiros no descobrimento
destes esconderijos...

Os poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lês.
Quando fechas o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

O silêncio

Há um grande silêncio que está sempre à escuta...

E a gente se põe a dizer inquietamente qualquer coisa,
qualquer coisa, seja o que for,
desde a corriqueira dúvida sobre se chove ou não chove hoje
até a tua dúvida metafísica, Hamleto!

E, por todo o sempre, enquanto a gente fala, fala, fala
o silêncio escuta...
e cala.

A canção do mar

Esse embalo das ondas
Das ondas do mar
Não é um embalo
Para te ninar...

O mar é embalado
Pelos afogados!

O canto do vento
Do vento no mar
Não é um canto
Para te ninar...

São eles que tentam
Que tentam falar!

Tiveram um nome
Tiveram um corpo
Agora são vozes
Do fundo do mar...

Um dia viremos
Vestidos de algas

Os olhos mais verdes

Que as ondas amargas

Um dia viremos
Com barcos e remos

Um dia...

Dorme, filhinha...
São vozes, são vento, são nada...

Eu fiz um poema

Eu fiz um poema belo
e alto
como um girassol de Van Gogh
como um copo de chope sobre o mármore
de um bar
que um raio de sol atravessa
eu fiz um poema belo como um vitral
claro como um adro...
Agora
não sei que chuva o escorreu
suas palavras estão apagadas
alheias uma à outra como as palavras de um dicionário
Eu sou como um arqueólogo decifrando as cinzas de uma
[cidade morta.
O vulto de um velho arqueólogo curvado sobre a terra...

Em que estrela, amor, o teu riso estará cantando?

Elegia número onze

Não, não é uma série de pontos de exclamação
— é uma avenida de álamos...
E o que, e para quem, clamariam então?!
Deserta está a cidade.
Todas as avenidas, todas as ruas, todas as estradas atônitas
se perguntam se vêm ou se vão...
Em nada lhes poderiam servir esses postes de quilometragem:
estão apenas desenhados, como num mapa.
Ah, se houvesse uns passos, ainda que fossem solitários...
Se houvesse alguém andando sozinho... e bastava!
[São os passos
— são os passos que fazem os caminhos.
Deserta está a cidade.
Se houvesse alguém andando sozinho
— para ele se acenderiam então, como um olhar, todas
[as cores!
Porque a cidade está cega, também.
O que não é visto por ninguém
não sabe a cor e o aspecto que tem.
A cidade está cega e parada com a descor de um morto.
Porque tudo aquilo que jamais é visto
— não existe...

Poema em três movimentos

I
Nossos gestos eram simples e transcendentais.
Não dissemos nada
nada de mais...
Mas a tarde ficou transfigurada
— como se Deus houvesse mudado
imperceptivelmente
um invisível cenário.

II
Eu te amo tanto que
sou capaz de nos atirarmos os dois na cratera do Fuji-Yama!
Mas, aqui,
o amor é um barato romance pornô esquecido em cima
[da cama
depois que cada um partiu — sem saionara nem nada —
por uma porta diferente.

III
E em que mundo? Em que outro mundo vim parar,
que nada reconheço?
Agora, a tua voz nas minhas veias corre...
o teu olhar imensamente verde ilumina o meu quarto.

O límpido cristal

Que límpido o cristal de abril!... Um grito
não vai como os da noite — para os extramundos...
Todas as vozes, todas as palavras ditas — cigarras presas
dentro do globo azul — vão em redor do mundo
e a ninguém é preciso entender o que elas dizem;
basta aquele bordoneio profundo
que vibra com o peito de cada um...
palavras felizes de se encontrarem uma com a outra
nas solidões do mundo!

Dança

A menina dança sozinha
por um momento.

A menina dança sozinha
com o vento, com o ar, com
o sonho de olhos imensos...

A forma grácil de suas pernas
ele é que as plasma, o seu par
de ar
de vento,
o seu par fantasma...

Menina de olhos imensos,
tu, agora, paras,
mas a mão ainda erguida

segura ainda no ar
o hastil invisível
deste poema!

Noturno citadino

Um cartaz luminoso ri no ar.
Ó noite, ó minha nêga
toda acesa
de letreiros!... Pena
é que a gente saiba ler... Senão
tu serias de uma beleza única
inteiramente feita
para o amor dos nossos olhos.

Bilhete

Se tu me amas, ama-me baixinho
Não o grites de cima dos telhados
Deixa em paz os passarinhos
Deixa em paz a mim!
Se me queres,
enfim,
tem de ser bem devagarinho, Amada,
que a vida é breve, e o amor mais breve ainda...

A oferenda

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos...
Trago-te estas mãos vazias
Que vão tomando a forma do teu seio.

Se o poeta falar num gato

Se o poeta falar num gato, numa flor,
num vento que anda por descampados e desvios
e nunca chegou à cidade...
se falar numa esquina mal e mal iluminada...
numa antiga sacada... num jogo de dominó...
se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo que
[morriam de verdade...
se falar na mão decepada no meio de uma escada
de caracol...
Se não falar em nada
e disser simplesmente tralalá... Que importa?
Todos os poemas são de amor!

Biografia fantasmal

Celeste Bogarí... em que recanto
da vida esse teu nome busco?

Ou te criaste apenas
nos delírios mansos
da minha memória?

Mas eu tenho a vaga... não, Celeste, eu tenho a nítida
impressão de que eras
cor de canela: assim dizia-se então...

E a tua voz — cristal puro —
ondulava no ar que nem vidro soprado
ao ritmo das boás que se usavam no palco.

Ao mesmo ritmo delas...
e com a mesma envolvente brancura...

Ah, o teu ingênuo sonho de branquidão!
E esse teu nome tão lindo, e ridículo e triste, Celeste Bogarí...
nem precisas contar-me como foi a tua história
— se é que um dia exististe.

Viagem antiga

Aqui e ali
reses pastando imóveis
como num presépio

a mata ocultando o xixi das fontes

uma cidadezinha de nariz pontudo
furava o céu

depois sumia-se lentamente numa curva

e a gente olhava olhava
sem nenhuma pressa
porque o destino daquelas nossas primeiras viagens era sempre
[o horizonte

Viagem futura

Um dia aparecerão minhas tatuagens invisíveis:
marinheiro do além, encontrarei nos portos
caras amigas, estranhas caras, desconhecidos tios mortos
e eles me indagarão se é muito longe ainda o outro mundo...

Intermezzo

Nem tudo pode estar sumido
ou consumido...
Deve — forçosamente — a qualquer instante
formar-se, pobre amigo, uma bolha de tempo nessa
[Eternidade...
e conde
— o mesmo barman no mesmo balcão,
por trás a esplêndida biblioteca de garrafas,
fonte da nossa colorida erudição —
haveremos de continuar aquela nossa velha discussão
sobre tudo e nada
até
que, fartos de tudo e nada,
desta e da outra vida,
a rir como uns perdidos,
a chorar como uns danados,
beberemos os dois nos crânios um do outro...
até o teto desabar!

(Perdão! até a bolha rebentar...)

Jogos pueris

O que nos acontece nada tem com a gente
o que nos acontece
são simples acidentes que chegam de olhos fechados
num jogo de cabra-cega
e
mesmo a morte
é aquela conhecidíssima, aquela antiga brincadeira
de fingir de estátuas...

Vida

Não sei
o que querem de mim essas árvores
essas velhas esquinas
para ficarem tão minhas só de as olhar um momento.

Ah! se exigirem documentos aí do Outro Lado,
extintas as outras memórias,
só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum de
[imagens:
aqui uma pedra lisa, ali um cavalo parado
ou
uma
nuvem perdida,
perdida...

Meu Deus, que modo estranho de contar uma vida!

Ah, mundo...

Perdão!
Eu distraí-me ao receber a Extrema-Unção.
Enquanto a voz do padre zumbia como um besouro
eu pensava era nos meus primeiros sapatos
que continuavam andando
que continuam andando
— rotos e felizes! —
por essas estradas do mundo.

Preparativos para a viagem

Uns vão de guarda-chuva e galochas,
outros arrastam um baú de guardados...
Inúteis precauções!
Mas,
se levares apenas as visões deste lado,
nada te será confiscado:
todo o mundo respeita os sonhos de um ceguinho
— a sua única felicidade!
E os próprios Anjos, esses que fitam eternamente a face
[do Senhor...
os próprios Anjos te invejarão.

Surpresas

Sabes? Os cabelos da morte são entrelaçados de flores.
Não de flores mortas como essas inertes sempre-vivas,
Mas inquietas e misteriosas como os não desfolhados
[malmequeres
Ou bravias como as pequenas rosas-silvestres.

As mãos da morte, as suas mãos não têm anéis,
Sua virgem nudez não comporta o peso de uma joia,
Os seus olhos não são, não são uns covis de treva,
Mas cheios de luz como os olhos do primeiro amor.

Porque a morte não faz esquecer, mas faz tudo lembrar,
Porque a morte não é, não é um sono eterno:
Tu vais adormecer como num berço, pouco a pouco,
E acordarás de súbito num vasto leito de noivado!

Retrato do poeta na idade ingrata

A minha alma era uma paisagem hirsuta:
cactos, palmas híspidas,
estranhas flores que atemorizavam (seriam aranhas
carnívoras?) parecia
um texto obscuro com pontuação excessiva:
tudo porque me estavam apontando alguns fios de barba:
e cada fio era uma baioneta-calada contra o mundo:
só
tu
com
a graça aérea de um helicóptero ou de uma libélula
soubeste achar — naquilo — onde o campo de pouso,
soubeste ouvir onde cantava
pura
a fonte oculta...

Só tu soubeste achar-me... e te foste!

Seiscentos e sessenta e seis

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos...
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem — um dia — uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre, sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada
e inútil das horas.

A casa grande

... mas eu queria ter nascido numa dessas casas de meia-água
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(... escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso...)
Não pude ser um menino da rua...
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!
E até hoje
— mesmo depois que destruíram a casa grande —
até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos...

O baú

Como estranhas lembranças de outras vidas,
que outros viveram, num estranho mundo,
quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos... Bem no fundo,

uma boneca toda estraçalhada!
(isto não são brinquedos de menino...
alguma coisa deve estar errada)
mas o teu coração em desatino

te traz de súbito uma ideia louca:
é ela, sim! Só pode ser aquela,
a jamais esquecida Bem-Amada.

E em vão tentas lembrar o nome dela...
e em vão ela te fita... e a sua boca
tenta sorrir-te mas está quebrada!

Ray Bradbury

Eu queria escrever uns versos para Ray Bradbury,
o primeiro que, depois da infância, conseguiu encantar-me
[com suas histórias mágicas
como no tempo em que acreditávamos no Menino Jesus
que vinha deixar presentes de Natal em nossos sapatos
[empoeirados de meninos
e nada tinha a ver com a impenetrável Santíssima Trindade.
Era no tempo das verdadeiras princesas,
nossas belíssimas primeiras namoradas
— não essas que saem periodicamente nos jornais.
Era no tempo dos reis verdadeiramente heráldicos como
[os das cartas de jogar
e do bravo São Jorge, com seu cavalo branco, sua lança e seu
[dragão.
Era no tempo em que o cavaleiro Dom Quixote
realmente lutava com gigantes,
os quais se disfarçavam em moinhos de vento.
Todo esse encantamento de uma idade perdida
Ray Bradbury o transportou para a Idade Estelar
e os nossos antigos balõezinhos de cor
agora são mundos girando no ar.
Depois de tantos anos de cínico materialismo
Ray Bradbury é a nossa segunda vovozinha velha
que nos vai desfiando suas histórias à beira do abismo
— e nos enche de susto, esperança e amor.

Evolução

Todas as noites o sono nos atira da beira de um cais
e ficamos repousando no fundo do mar.
O mar onde tudo recomeça...
Onde tudo se refaz...
Até que, um dia, nós criaremos asas.
E andaremos no ar como se anda em terra.

Selva selvaggia

As palavras espiam como animais:
umas, rajadas, sensuais, que nem panteras...
outras, escuras, furtivas raposas...
mas as mais belas palavras estão pousadas nas frondes mais
[altas, como pássaros...
O poema está parado em meio da clareira.
O poema
caiu
na armadilha! debate-se
e ora subdivide-se e entrechoca-se como esferas de vidro
[colorido
ora é uma fórmula algébrica
ora, como um sexo, palpita... Que importa
que importa qual seja enfim o seu verdadeiro universo?
Ele em breve será inteiramente devorado pelas palavras!

A noite grande

Sem o coaxar dos sapos ou o cri-cri dos grilos
como é que poderíamos dormir tranquilos
a nossa eternidade? Imagina
uma noite sem o palpitar das estrelas
sem o fluir misterioso das águas.
Não digo que a gente saiba que são águas
estrelas
grilos...
— morrer é simplesmente esquecer as palavras.
E conhecermos Deus, talvez,
sem o terror da palavra DEUS!

Alquimias

Naquela mistura
fumegante e colorida
que a pá
não para de agitar
vê-se
o infinito olhar de um moribundo
o primeiro olhar de um primeiro amor
um trem a passar numa gare deserta
uma estrela remota um *pince-nez* perdido
o sexo do outro sexo
a mágica de um santo carregando sua própria cabeça
e de tudo
finalmente
evola-se o poema daquele dia
— que fala em coisa muito diferente...

O poema interrompido

A lâmpada abre um círculo mágico sobre o papel onde escrevo. Sinto um ruído como se alguém houvesse arremessado uma pequenina pedra contra a vidraça, ou talvez seja uma asa perdida na noite. Espreguiço-me, levanto-me e, cautelosamente, escancaro a janela. Oh! como poderia ser alguém chamando-me? Como poderia ser um pássaro? Na frente do quarto, acima do quarto, por baixo do quarto, só havia a solidão estrelada... Quem faz um poema não se espanta de nada. Volto ao abrigo da lâmpada e recomeço a discussão com aquele adjetivo, aquele adjetivo que teima em não expressar tudo o que pretendo dele...

As cidades pequenas

As moças das cidades pequenas
com o seu sorriso e o estampado claro de seus vestidos
são a própria vida. Elas
é que alvorotam a praça. Por elas
é que os sinos festivamente batem, aos domingos.
Por elas, e não para a missa!... Mas Deus não se importa...
[Afinal,
só nessas cidadezinhas humildes

é que ainda o chamam de Deus Nosso Senhor...

Noturno

O gato, que mora no mundo para sempre perdido do cinema silencioso, atravessa o país do tapete, onde se abrem flores falsamente tropicais.

Ao pé da escada, por força do hábito, a avozinha morta começa a tricotar mais um pulôver.

Por trás de suas barbas, no retrato da parede, o olhar do avô indaga: — para quê?

De repente, na copa, o refrigerador compõe ruidosamente a garganta, enquanto estremecem de medo os frágeis habitantes do porta-cristais: — Meu Deus, meu Deus, ele agora vai fazer um discurso!

Crônica

Sia Rosaura tirava a dentadura para comer
Por isso ela tinha o sorriso postiço mais sincero da minha rua
Dona Maruca fazia uns biscoitinhos minúsculos, estalantes
[e secos chamados mentirinhas
Eduviges era pálida e lia romances lacrimosos de
[Perez Escrich
Tanto suspirou em cima deles que acabou fugindo com um
[caixeiro-viajante
O tempo se desenrolava como um rio por entre as casas
[de porta e janela
  Pequenas vidas
  Pequenos sonhos
Na noite imensa as estrelas eram como girândolas brancas
[que houvessem parado
Sentados à porta
— dois santos, dois mágicos, dois sábios —
meu velho Tio Libório e o velho farmacêutico
propunham-se e compunham charadas
que depois orgulhosamente remetiam sob nomes supostos
para o grande anuário estatístico recreativo e literário
[da capital do Estado.

Solau à moda antiga

Senhora, eu vos amo tanto
Que até por vosso marido
Me dá um certo quebranto...

Pois que tem que a gente inclua
No mesmo alastrante amor
Pessoa animal ou cousa
Ou seja lá o que for,
Só porque os banha o esplendor
Daquela a quem se ama tanto?
E sendo desta maneira,
Não me culpeis, por favor,
Da chama que ardente abrasa
O nome de vossa rua,
Vossa gente e vossa casa

E vossa linda macieira
Que ainda ontem deu flor...

Elegia ecológica

As grandes damas usavam grandes chapéus, cheios de flores e de passarinhos.

As flores feneceram, porque até as flores artificiais fenecem.

Os passarinhos voaram e foram pousar nos últimos parques, onde iludem agora os seus últimos frequentadores.

Sim! as grandes damas usavam grandes chapéus...

Eram cheios de flores e de passarinhos!

Sonho de uma noite de verão

Uma procissão de espantalhos,
pela miséria colorida,
pelos atalhos
vinha:
pediam vida, queriam vida!
E as suas caras eram trágicas
porque tinham todas a mesma expressão
— que era o mesmo que não terem nenhuma expressão.
E tão insuportável era aquela cara única
que a polícia atirou em cima deles bombas de gás hilariante.
Nenhum espantalho riu.
A procissão continuou,
a procissão está agora em plena Estrada Real
enquanto
pelos atalhos
por toda a parte
por cima dos gramados
por cima dos corpos atropelados
os automóveis fogem como baratas.

*****

Quem disse que a poesia é apenas
agreste avena?
A poesia é a eterna Tomada da Bastilha
o eterno quebra-quebra

o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas
[as esquinas
e,
a um ruflar poderoso de asas,
entre cortinas incendiadas,
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas dos mortais...
Deles, nascem os poetas.
Não todos... Os legítimos
espúrios:
um Rimbaud, um Poe, um Cruz e Souza...

(Rege-os, misteriosamente, o décimo terceiro signo do Zodíaco.)

Os retratos

Os antigos retratos de parede
não conseguem ficar longo tempo abstratos.

Às vezes os seus olhos te fixam, obstinados
porque eles nunca se desumanizam de todo.

Jamais te voltes para trás de repente.
Não, não olhes agora!

O remédio é cantares cantigas loucas e sem fim...
Sem fim e sem sentido...

Dessas que a gente inventava para enganar a solidão dos
[caminhos sem lua.

O morcego

Um morcego enormíssimo escureceu metade da cidade — uma nuvem negra, imóvel.

Tivemos de as procurar às pressas e ir acendendo as velas com mãos trêmulas como se as erguêssemos diante de oratórios.

E diante delas as nossas tataravós ajoelham-se penosamente, babando misereres.

Súbito, restabeleceu-se a eletricidade, desmoralizando a anemia das velas.

Das tataravós, nem sombra!

Elas agora devem estar rezando em qualquer um desses mundos por aí, diante de algum outro falso fim-do-mundo.

A lua de Babilônia

Numa esquina do Labirinto
às vezes
avista-se a Lua.
“Não! como é possível uma lua subterrânea?”

(Mas cada um diz baixinho:
Deus te abençoe, visão...)

Poema marciano número dois

Nós, os marcianos,
não sabemos nada de nada,
por isso descobrimos coisas
que
de tão visíveis
vocês poderiam até sentar em cima delas...
Não brinco! Não minto! um dia um de nós (Van Gogh) pintou
[uma cadeira vulgar,
uma dessas cadeiras de palha trançada...
Mas, quando a viram na tela, foi aquela espantação:
“uma cadeira!”, exclamaram.
Uma cadeira? Não, a cadeira.
Tudo é singular.
Até as Autoridades sabem disso...
Se não, me explica
por que iriam fazer tanta questão
das tuas impressões digitais?!

Encontro

Era uma dessas mulheres que não se usam mais.
Vestes de trevas e vidrilhos.
Cabeleira trágica.
Olheiras suspeitas.
O grito horizontal da boca.
Surgiu da noite.
Sumiu pela última porta do poema.

O poeta é belo

O poeta é belo como o Taj-Mahal
feito de renda e mármore e serenidade

O poeta é belo como o imprevisto perfil de uma árvore
ao primeiro relâmpago da tempestade

O poeta é belo porque os seus farrapos
são do tecido da eternidade

O poeta canta a si mesmo

O poeta canta a si mesmo
porque nele é que os olhos das amadas
têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...

O poeta canta a si mesmo
porque num seu único verso
pende — lúcida, amarga —
uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...

Porque o seu coração é uma porta batendo
a todos os ventos do universo.

Porque além de si mesmo ele não sabe nada
ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente
[respirar
neste seu pobre ritmo disperso!

O poeta canta a si mesmo
porque de si mesmo é diverso.

A canção da vida

A vida é louca
a vida é uma sarabanda
é um corrupio...
A vida múltipla dá-se as mãos como um bando
de raparigas em flor
e está cantando
em torno a ti:
Como eu sou bela,
amor!
Entra em mim, como em uma tela
de Renoir
enquanto é primavera,
enquanto o mundo
não poluir
o azul do ar!
Não vás ficar
não vás ficar
aí...
como um salso chorando
na beira do rio...
(Como a vida é bela! como a vida é louca!)

Sôbolos rios que vão

Olha, eu talvez seja esse
cadáver desconhecido
que avistam sob uma ponte
com relativo interesse:

nem sei mais se me matei
se morri por distraído
se me atiraram do cais

— o mistério é mais profundo,
muito mais...

Vida, sonho de um segundo
— isso é vulgar mas atroz —
e tenho pena de mim
como a que eu tenho de vós...

e sigo
todo florido
destes nossos velhos sonhos
imortais

— ó mistério tão sem fim —
eu sigo todo florido,
cadáver desconhecido

vogando, lento, à deriva

nos rios todos do mundo!

Inscrição para uma lareira

A vida é um incêndio: nela
dançamos, salamandras mágicas.
Que importa restarem cinzas
se a chama foi bela e alta?
Em meio aos toros que desabam,
cantemos a canção das chamas!

Cantemos a canção da vida,
na própria luz consumida...

Lili

Teu riso de vidro
desce as escadas às cambalhotas
e nem se quebra,
Lili,
meu fantasminha predileto!
Não que tenhas morrido...
Quem entra num poema não morre nunca
(e tu entraste em muitos...)
Muita gente até me pergunta
quem és... De tão querida
és talvez a minha irmã mais velha
nos tempos em que eu nem havia nascido.
És a Gabriela, a Liane, a Angelina... sei lá!
És a Bruna em pequenina
que eu desejaria acabar de criar.
Talvez sejas apenas a minha infância!
E que importa, enfim, se não existes...
Tu vives tanto, Lili! E obrigado, menina,
pelos nossos encontros, por esse carinho
de filha que eu não tive...

As mãos de meu pai

As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis
sobre um fundo de manchas já da cor da terra
— como são belas as tuas mãos
pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da nobre
[cólera dos justos...
Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza que
[se chama simplesmente vida.
E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços da tua
[cadeira predileta,
uma luz parece vir de dentro delas...
Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente, vieste
[alimentando na terrível solidão do mundo,
como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los contra
[o vento?
Ah! como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das tuas mãos!
E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos nodosas...
essa chama de vida — que transcende a própria vida
... e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.

Apêndices

Sobre Mario Quintana

Nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, no ano de 1906. Veio ao mundo em família de raiz urbana e escolarizada. Seus avós, tanto o paterno quanto o materno, eram médicos. Seu pai era um dono de farmácia que lia em francês para os filhos ainda crianças.

Aos 13 anos, vai para Porto Alegre, estudar no Colégio Militar como aluno interno. Entre idas e vindas, acaba não terminando o colegial, apesar de ser leitor voraz e frequentador da Biblioteca Pública. Quando sai do colégio, aos 17 anos, não tem diploma, mas já se inicia na vida literária porto-alegrense, mesmo quando volta a morar em Alegrete, no ano seguinte. Em 1926, um conto de sua autoria é o vencedor de concurso patrocinado por importante jornal da capital gaúcha na época (*Diário de Notícias*).

Falecidos mãe e pai, transfere-se definitivamente para Porto Alegre em 1929, onde passa a trabalhar como jornalista. No ano seguinte, aventura-se na política e vai até o Rio de Janeiro, seguindo Getúlio Vargas. Fica apenas seis meses na então capital federal. Voltará cinco anos depois, em temporada marcante para sua vida, quando travará conhecimento com os poetas que mais admira: Cecília Meireles e Manuel Bandeira, os outros dois grandes líricos modernos brasileiros.

Nos anos 30, Quintana estabiliza-se na vida profissional, como jornalista e como tradutor assalariado pela Editora Globo. Nesse período, desabrocha e viceja o poeta, que se apresenta finalmente ao mundo numa coletânea própria. Lança seu primeiro livro, *A rua dos cataventos*, em 1940. O livro de poemas inaugura nova etapa em sua vida, ao mesmo tempo que coroa uma década de progressivo amadurecimento.

A década de 40 e a primeira metade dos anos 50 serão de grande atividade para Quintana. Dessa época são os livros de poesia *Canções* (1946), *Sapato florido* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950), *Espelho mágico* (1951, com prefácio de Monteiro Lobato) e um volume de *Inéditos e esparsos*, publicado em 1953 na cidade de Alegrete. É ainda nesse período que começa a publicar o *Caderno H* (“textos escritos em cima da hora, na hora H”), primeiro na revista *Província de São Pedro*, e depois, a partir de 1953, no jornal *Correio do Povo*, onde permaneceu por décadas. As prosas curtas, as croniquetas, as evocações e os poemas em prosa do *Caderno H* angariarão a Quintana seu primeiro e fiel público de leitores, que só fará crescer a partir daí. Entre as muitas traduções feitas por Quintana no período, destacam-se as de Marcel Proust, que marcaram época.

Depois de breve interregno, as décadas de 60 e 70 assinalarão a consagração nacional do poeta Quintana. Em 1962, reúne sua produção poética em *Poesias*. Em 1966, quando completa 60 anos, sai a *Antologia Poética*, organizada por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos para a prestigiosa Editora do Autor, livro vencedor do Prêmio Fernando Chinaglia (“melhor livro do ano”). As homenagens públicas se sucedem: saudação na Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e

Manuel Bandeira (1966), Cidadão Honorário de Porto Alegre (1967), placa de bronze em Alegrete (com a famosa inscrição: “Um engano em bronze é um engano eterno.”), medalha “Negrinho do pastoreio” do estado do Rio Grande do Sul e, ao completar 70 anos, em 1976, prêmio Pen Clube de poesia.

Os setent’anos, em vez de assinalarem um começo de fim, apontam para um novo começo na trajetória de poeta e prosador de Mario Quintana. São desse momento dois de seus livros mais destacados: *A vaca e o hipogrifo*, de pequenas prosas, e *Apontamentos de história sobrenatural*, de pura poesia elegíaca em versos simples reveladores de grande maturidade criativa. Os lançamentos se sucederão, e novo momento de consagração ocorre em 1980, quando recebe o prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Vale lembrar que ao longo de sua carreira Quintana também publicou alguns notáveis livros dirigidos ao público infantil.

Depois de sofrer um atropelamento, o poeta octogenário não deixará de produzir e galgará novas alturas em matéria de prêmios, homenagens, títulos universitários honorários. Em meio a tantas glórias, a maior é ver-se poeta popular, concretizando a fusão com a alma das gentes, meta maior de cronistas e líricos. Em 1985, é escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre, o mais clássico dos eventos literários brasileiros. Nesse ano ainda, sai o *Diário poético*, agenda pessoal de grande venda, em que a cada dia consta um pequeno texto de sua autoria.

Falece em 1994, aos 88 anos de idade. Seus últimos e produtivos dez anos trouxeram antologias, novos livros de poemas, novas coletâneas de crônicas do *Caderno H*, livros infantis. Já nesse período, e de forma mais intensa postumamente, sua obra frutifica em adaptações, encenações, musicalizações. A palavra do poeta fertiliza.

Italo Moriconi

Fontes: CARVALHAL, Tania Franco. Cronologia, in *Mario Quintana – poesia completa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 2005. FISCHER, Luís Augusto. Viagem em linha reta, in *Mario Quintana/Cadernos de literatura brasileira*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2009.

Cronologia da obra

OBRAS PUBLICADAS
A rua dos cataventos (1940)
Canções (1946)
Sapato florido (1948)
O aprendiz de feiticeiro (1950)
Espelho mágico (1951)
Inéditos e esparsos (1953)
Caderno H (1973)
Apontamentos de história sobrenatural (1976)
A vaca e o hipogrifo (1977)
Esconderijos do tempo (1980)
Baú de espantos (1986)
Da preguiça como método de trabalho (1987)
Preparativos de viagem (1987)
Porta giratória (1988)
A cor do invisível (1989)
Velório sem defunto (1990)
Água: os últimos textos de Mario Quintana (2001, póstumo)
Obra reunida
Poesias (Porto Alegre, Globo, 1962)
Poesia completa (Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2005)
Infantojuvenil
O batalhão das letras (1948)
Pé de pilão (1975)
Lili inventa o mundo (1983)
Nariz de vidro (1984)
Sapo amarelo (1984)
Primavera cruza o rio (1985)
Sapato furado (1994)
Traduções no exterior
Objetos perdidos y otros poemas (Buenos Aires, 1979)
Mario Quintana: poemas (Lima, 1984)

[Em antologias]
Brazilian literature (Nova York, 1945)
Poesía brasileña contemporánea (Montevidéu, 1947)
Antología de la poesía brasileña (Madri, 1952)
Un secolo di poesia brasiliana (Siena, 1954)
Anthologie de la poésie brésilienne contemporaine (Paris, 1954)
Nuestra America. *Antología de la poesía brasileña: cuadernillos de poesía* (Buenos Aires, 1959)
Antología poética de la poesía brasileña (Barcelona, 1973)
Las voces solidarias (Buenos Aires, 1978)